

AQUECIMENTO GLOBAL

MÍDIA II



Média das temperaturas mundiais registradas no mês de janeiro foi a mais alta da história

http://busca.folha.uol.com.br/search?site=online&q=%22mudan%EA*a*+clim%E1tica*%22&src=redacao

RESULTADOS (1 - 10 DE 935)

1. Folha Online - Deutsche Welle - ESPECIALISTAS AFIRMAM QUE EVITAR CATÁSTROFE CLIMÁTICA É FINANCIÁVEL - 08/03/2007

... evitar catástrofe climática é financiável da Deutsche Welle na Alemanha Segundo o Relatório sobre Mudanças Climáticas da ONU, a humanidade tem até 2020 para evitar uma catástrofe ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dw/ult1908u6610.shtml>

2. Folha Online - Brasil - Confira as manchetes dos jornais de 8 de março - 08/03/2007

... Times Recuperação do iene desafia temores de "carry trade" The Independent Nascidos para morrer: MUDANÇA CLIMÁTICA AFETA CICLOS DE VIDA COM RESULTADOS FATAIS The Guardian Policial ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90086.shtml>

3. Folha Online - Ciência - RIO FECHA ACORDO PARA DIMINUIR EMISSÃO DE GASES DO EFEITO ESTUFA - 07/03/2007

... Steiner, presente à assinatura do acordo, afirmou que o país está descobrindo que o problema das mudanças climáticas não se restringe apenas à Europa e aos Estados Unidos. Ele ... sediar a divulgação da última parte do quarto relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática), em outubro, disse Minc. Trata-se de um relatório-síntese, que ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16094.shtml>

4. Folha Online - Ciência - CONFIRA OS PRINCIPAIS MOMENTOS DA SABATINA COM CARLOS NOBRE - 06/03/2007
... climatologista Carlos Nobre, membro do Grupo de Trabalho 2 do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática, falou sobre questões sociais, econômicas e científicas ligadas ao ... Sabatinas na Folha Confira mais no livro "O Aquecimento Global" Leia o que já foi publicado sobre mudanças climáticas ...
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16091.shtml>

5. Folha Online - Ciência - Sabatinado, Carlos Nobre promete dados mais críticos no próximo IPCC - 06/03/2007
... Teatro Folha, Carlos Nobre, membro do Grupo de Trabalho 2 do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática, prometeu um relatório "mais audacioso" no próximo IPCC. O próximo ... relatório "mais audacioso" no próximo IPCC. O próximo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança climática será lançado em abril. Folha Imagem Climatologista Carlos Nobre, ...
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16090.shtml>

6. Folha Online - CIÊNCIA - ENERGIA NUCLEAR ESBARRA NA QUESTÃO BÉLICA, diz especialista - 06/03/2007
... Geosfera-Biosfera (IGBP) e membro do Grupo de Trabalho 2 do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança ... Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança climática será lançado em abril. O IPCC é a mais alta autoridade do mundo sobre ...
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16089.shtml>

7. Folha Online - Ciência - AQUECIMENTO JÁ AFETA CHUVAS DO SUDESTE DO BRASIL, diz climatologista - 06/03/2007
... Geosfera-Biosfera (IGBP) e membro do Grupo de Trabalho 2 do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança ... Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança climática será lançado em abril. O IPCC é a mais alta autoridade do mundo sobre ...
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16088.shtml>

8. Folha Online - Ciência - Para especialista, RELAÇÃO DO CLIMA COM ECONOMIA CONTINUA SEM SOLUÇÃO - 06/03/2007
... Geosfera-Biosfera (IGBP) e membro do Grupo de Trabalho 2 do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança ... Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança climática será lançado em abril. O IPCC é a mais alta autoridade do mundo sobre ...
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16087.shtml>

06/03/2007 - 12h19

PARA ESPECIALISTA

RELAÇÃO DO CLIMA COM ECONOMIA CONTINUA SEM SOLUÇÃO

DIÓGENES MUNIZ
da Folha Online

Para o climatologista Carlos Nobre, do Centro de Pesquisa do Tempo e Estudos Climáticos do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), a relação da emissão de gases de cada país com sua economia ainda procura soluções cabíveis.

Nobre abriu a série de sabatinas 2007 da Folha nesta terça-feira (6). O evento ocorre Teatro Folha, no Shopping Pátio Higienópolis, em São Paulo.

Para sabatiná-lo, foram convidados Marcelo Leite, colunista da Folha, Claudio Angelo, editor de Ciência, Sérgio Malbergier, editor de Dinheiro, e José Eli da Veiga, coordenador do Núcleo de Economia Socioambiental da USP.

Nobre explicou que há um conflito econômico em países emergentes, que precisam atingir altas taxas de emissão para atingir seu desenvolvimento pleno.

"Se quisermos barrar o aquecimento global, alguma coisa muito forte e muito radical terá de ser feita. Agora, como você faz uma coisa radical sem interferir na vontade das populações da Índia e da China, por exemplo, que querem ter melhor qualidade de vida?", questionou.

"Não consigo ver uma solução mágica a vista", disse, "mas a taxa de emissão da China está crescendo em um padrão insustentável a longo prazo. Nisto, não tenho dúvida"

A pergunta que devemos fazer neste debate, afirma o especialista, é "qual é a faixa ética que um país pode emitir sem deixar de lado a qualidade de vida de seus habitantes?"

IPCC

Nobre é presidente do Comitê Científico do Programa Internacional da Geosfera-Biosfera (IGBP) e membro do Grupo de Trabalho 2 do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório

sobre impactos e vulnerabilidades à mudança climática será lançado em abril.

O IPCC é a mais alta autoridade do mundo sobre aquecimento global. Foi criado em 1988 para avaliar as informações científicas disponíveis a respeito de mudanças climáticas.

O estudo do Grupo de Trabalho 1 do IPCC deixou claro que a culpa pelo aquecimento global é mesmo da humanidade e que as consequências serão sentidas de qualquer forma, não importa o que façamos a partir de agora. É justamente esse estudo sobre os impactos prováveis da mudança climática que será divulgado pelo Grupo de Trabalho 2 do IPCC, do qual faz parte Carlos Nobre.

9. Folha Online - Ciência - PAINEL SOBRE MUDANÇA CLIMÁTICA AINDA É CONSERVADOR, diz Carlos Nobre - 06/03/2007... 06/03/2007 11h54
Painel sobre mudança climática ainda é conservador, diz Carlos Nobre
DIÓGENES MUNIZ da Folha Online O climatologista Carlos Nobre, do Centro de Pesquisa do Tempo e Estudos ... climatologista, o homem é o ser com maior habilidade de adaptação, mas ainda assim deve agir em relação as mudanças climáticas. "Se formos olhar egoisticamente, perceberíamos ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16086.shtml>

10. Folha Online - Ciência - *Folha incia debate sobre clima e abre ciclo de sabatinas* 2007 - 06/03/2007

... Geosfera-Biosfera (IGBP), é membro do Grupo de Trabalho 2 do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança ... Intergovernamental sobre Mudança Climática), cujo relatório sobre impactos e vulnerabilidades à mudança climática será lançado em abril. Durante duas horas, Nobre responderá a ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16085.shtml>

Mais resultados: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Próximos

TENTE A BUSCA POR: ""MUDANÇA* CLIMÁTICA*""

NA FOLHA DE S.PAULO [HTTP://WWW.FOLHA.UOL.COM.BR/](http://WWW.FOLHA.UOL.COM.BR/)

03/02/2007 - 10h09

MAIS DE 40 PAÍSES PEDEM ORGANIZAÇÃO DA ONU PARA O MEIO AMBIENTE

da Efe, em Paris

Mais de 40 países apóiam a criação de uma organização da ONU para o Meio Ambiente proposta na conferência internacional "Cidadãos da Terra", que terminou nesta sábado em Paris com um chamado ao combate contra a degradação do planeta.

"Hoje, sabemos que a humanidade está destruindo, a uma velocidade aterrorizadora, os recursos e equilíbrios que permitiram seu desenvolvimento e que determinam seu futuro", diz o "Chamado de Paris", lido no fim da conferência pelo anfitrião do encontro, o presidente da França, Jacques Chirac.

O texto promove a transformação do atual Programa da ONU para o Meio Ambiente numa agência similar à Organização Mundial da Saúde (OMS), que seja "uma voz forte reconhecida no mundo" e permita a avaliação dos danos ecológicos e a atenuação destes.

Fontes da Presidência francesa disseram que entre os países que apóiam a criação do órgão estão a maioria dos europeus e outras 20 nações da África, da Ásia e da América Latina.

"Lançamos um chamado solene para uma grande mobilização internacional contra a crise ecológica e em prol de um crescimento que respeite o meio ambiente", diz a declaração.

"O futuro do planeta em seu conjunto está em jogo (...). A sobrevivência de toda a humanidade está em perigo. Chegou o momento de sermos lúcidos. De reconhecer que chegamos ao limite do irreversível, do irreparável. De admitir que já não podemos nos permitir esperar, que cada dia que passa agrava os riscos e os perigos", acrescenta o texto.

Compromisso

A preocupação com o meio ambiente deve estar no centro das decisões e das iniciativas dos signatários, que se comprometem a adotar "medidas indispensáveis" para afastar os perigos, em particular a mudança climática, "cuja gravidade é demonstrada

claramente pelo último relatório do Grupo Intergovernamental sobre a Evolução do Clima", apresentado ontem em Paris.

O documento deste sábado destaca a importância da adoção de uma Declaração Universal dos Direitos e Deveres Ambientais, que garanta um novo direito humano, "o de um ambiente saudável e preservado".

Além disso, rejeita o modelo econômico "baseado no desperdício desenfreado de recursos naturais e na poluição", e pede sua substituição por outro que esteja "a serviço do desenvolvimento sustentável e da luta contra a pobreza".

Neste sentido, a declaração convida os países ricos, emergentes e menos avançados a compartilharem esforços no desenvolvimento de "mecanismos de financiamento inovadores" que ajudem "os países mais pobres a se adaptarem".

O chamado, que destaca que mais de 40 países já formam o grupo pioneiro para a criação de uma agência da ONU para o Meio Ambiente, termina com um convite a todos os Estados "a unirem-se a este combate".

LEIA MAIS

Temperatura do planeta aumentará até 4°C até 2100, diz ONU

ESPECIAL

Leia o que já foi publicado sobre mudanças climáticas

Leia o que já foi publicado sobre o IPCC

Leia o que já foi publicado sobre a ONU

NEM TUDO FOI DITO

Manoel Francisco Brito

09.02.2007

Num texto em que a discussão sobre como qualificar a responsabilidade humana no aquecimento global – se extremamente provável ou apenas provável – levou 5 horas, era de se esperar que o tom de sua edição final acabasse suavizado por um excesso de cautela política e diplomática. Mas uma reportagem na edição da revista New Scientist que começa a circular no sábado, 10 de fevereiro, diz que a diplomacia foi mais longe. Invocou o rigor científico para cortar da versão final do relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, conhecido pela sua sigla em inglês, IPCC, uma série de descobertas recentes em relação às conseqüências do efeito estufa.

O argumento utilizado pelos diplomatas que trabalharam na revisão do estudo do IPCC para jogar estas informações no lixo, que por coincidência, segundo a revista, apontavam para cenários bem mais assustadores sobre o desequilíbrio no clima, foi a de que elas ainda não estavam inteiramente quantificadas e tampouco incorporadas aos modelos climáticos. "Qualquer coisa qualitativa foi deixada de fora", disse um dos redatores do relatório, Venkatchalam Ramaswamy, da National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA), órgão do governo americano.

O que não significa que estas pesquisas não pudessem ser cientificamente aceitas. Elas trazem evidências sobre a existência de uma série de novos catalisadores potenciais do aquecimento global e de pontos de ruptura que tornariam ações mitigadoras talvez inócuas. A lista dos cortes inclui pesquisa que indica que a corrente do Golfo do México tende à inércia, estudos sobre a aceleração do derretimento do gelo na Antártica e Groenlândia e alertas sobre a possibilidade de que volumes de metano e CO₂ que hoje estão sob o solo e o fundo do mar correm o risco de ser liberados e chegar à atmosfera.

O IPCC, por exemplo, ignorou trabalho recente de cientistas, patrocinado pelo governo inglês, indicando que a possibilidade de placas de gelo na Groenlândia se soltarem de repente, ao invés de derreterem lentamente, é real. Se isto acontecer, a subida no nível dos oceanos não apenas se dará de forma mais acelerada. Ela será mais radical, ultrapassando em muito o nível de 59 centímetros que o IPCC previu para o fim deste século. Foi a mesma conclusão de uma pesquisa publicada na semana passada por Stefan Rahmstorf do Potsdam Institute for Climate Research, da Alemanha, e Jim Hansen, do Laboratório Goddard, da Nasa.

Grau da encrenca

Ela mostra que o nível do mar sobe 50% mais rápido do que os atuais modelos climáticos prevêm e que a extensão do aumento, até o fim do século, tem tudo para bater nos 88 centímetros. Hansen admitiu que o estudo ainda não tem todos os dados necessários para ser incluído nos modelos que tentam prever a evolução futura do clima e foi essa a razão pela qual, no relatório, a previsão de subida do mar ficou em 59 centímetros. Pela mesma razão, o relatório do IPCC escanteou as análises da equipe do British Antarctic Survey apontando que os termômetros ao redor do mundo estão subindo mais rápido do que se previa e que a Antártica está perdendo massa de gelo.

Nesse caso, ao invés de cautela, o relatório do IPCC pode bem ser acusado de ir na contramão das evidências científicas. Seu texto

preferiu dizer que graças a um aumento na precipitação de neve, a massa de gelo do continente está em franco crescimento. Os pesquisadores do National Oceanography Centre da Inglaterra lamentaram que suas descobertas sobre o que anda acontecendo com a corrente do Golfo do México, que influencia o clima em várias partes do globo, também tenham sido esquecidas.

Elas mostram que sua velocidade caiu 30% entre 1957 e 2004 e que a tendência dela, portanto, é chegar à inércia. O fato de que tanta novidade científica sobre o clima, como mostra a New Scientist, ficou fora do texto final do IPCC, não diminui a importância e o impacto político do relatório. Mas deixa claro que o distinto público do planeta ainda não está inteiramente informado sobre o tamanho da encrenca que o aquecimento global anda cozinhando para seu futuro.

29/01/2007 - 13h38

CIENTISTAS PREVÊM AQUECIMENTO GLOBAL MAIOR DO QUE O ESPERADO

da Efe, em Paris

O Grupo Intergovernamental sobre a Mudança Climática (IPCC, em inglês) está reunido desde hoje em Paris para finalizar suas projeções do aquecimento da Terra para este século, que deverá ser maior que o cenário traçado pelos cientistas em 2001.

Desde o último relatório do IPCC, "as evidências da mudança climática ficaram mais claras", afirmou o presidente do grupo, Rajendra Pachauri, na abertura da conferência, que reúne mais de 500 especialistas e representantes governamentais.

Os participantes têm que entrar em consenso "palavra por palavra, e linha por linha" sobre o documento que será apresentado na sexta-feira, disse Pachauri. No entanto, o presidente do IPCC não quis falar sobre o assunto por temer que o texto possa sofrer modificações importantes devido à pressão de certos governos.

Ainda sobre este aspecto, um dos membros do IPCC, o francês Jean Jouzel, alertou que, por causa da exigência de consenso, as conclusões "correm o risco de subestimar as mudanças climáticas, mais do que de exagerá-las".

Segundo informações não confirmadas, o relatório do IPCC, que será divulgado na sexta-feira, prevê um aquecimento climático maior do que o previsto em 2001, quando foi anunciado que a temperatura da Terra aumentaria entre 1,4 e 5,8 ° C até 2100.

Agora, os cientistas prevêem que o crescimento ficará entre 2 e 4,5 °C, sendo 3 °C a opção mais provável. Além disso, já não há dúvidas de que as emissões de poluentes das atividades humanas causam o "efeito estufa".

Também serão revisados os números da elevação do nível dos oceanos devido ao derretimento de parte das calotas polares e o aumento do volume de água marinha por causa do aquecimento.

Antes, os especialistas trabalhavam com uma margem ampla de acréscimo de 9 a 88 centímetros no final do século. Agora, os limites são mais reduzidos, de 28 a 43 centímetros de aumento do nível dos mares.

O presidente do IPCC também não quis falar sobre as previsões feitas pelos mais de 500 especialistas internacionais, que durante os últimos quatro anos analisaram os estudos científicos publicados sobre a mudança climática.

No entanto, Pachauri afirmou que nunca um tema havia gerado no mundo "tanta fome de conhecimento científico".

Co-presidente do grupo de trabalho do IPCC encarregado do relatório sobre as bases científicas da mudança climática, Susan Solomon enfatizou a seriedade de seu trabalho.

Solomon disse que mais de 500 cientistas ajudaram a elaborar o relatório, sendo que 75% destes não haviam participado da redação da edição de 2001. A especialista também afirmou que mais de 30 mil sugestões haviam sido levadas em consideração na elaboração da minuta.

Após o documento, o IPCC deve adotar outros três ainda este ano. Em 6 de abril, será discutida em Bruxelas uma minuta sobre os impactos, a adaptação e a vulnerabilidade à mudança climática.

No dia 4 de maio, será debatido, em Bangcoc, um relatório sobre a atenuação destes efeitos. Já em 16 de novembro, será aprovado, em Valência, um documento contendo a síntese para os responsáveis políticos.

Os trabalhos do IPCC, criado em 1988, levaram à adoção do Convênio sobre a Mudança Climática em 1992 e, cinco anos depois,

ao Protocolo de Kyoto sobre a redução do dióxido de carbono (CO₂) e outros gases causadores do efeito estufa.

Enquanto os representantes do IPCC davam início à sua reunião na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a um quilômetro dali um grupo de ativistas do Greenpeace escalou a Torre Eiffel para pendurar cartazes nos quais podia ser lida a frase "NÃO É TARDE DEMAIS".

Os manifestantes também advertiram que é necessário agir para impedir que as temperaturas subam mais de dois graus Celsius, nível a partir do qual, segundo os cientistas, a Terra correria perigo.

A Prefeitura de Paris quer que a Torre Eiffel participe de um ato simbólico que sirva de alerta para a necessidade de tomar medidas para atenuar a mudança climática. Na quinta-feira, todas as luzes da atração turística serão apagadas das 19h55 às 20h (16h55 e 17h em Brasília).

02/01/2007 - 11h18

ANO DE 2007 SERÁ O MAIS QUENTE JÁ REGISTRADO DIZEM ESPECIALISTAS

da Efe, em Londres

O efeito estufa e o fenômeno climático conhecido como El Niño farão de 2007 o ano mais quente já registrado --com conseqüências para todo o planeta--, afirma o professor Phil Jones, diretor da Unidade de Pesquisa sobre Clima da Universidade de East Anglia, na Inglaterra.

Segundo previsões de Jones, publicadas no jornal britânico "The Independent", o ano que acaba de começar será marcado por condições climáticas extremas em todo o mundo, que podem causar secas na Indonésia e inundações na Califórnia (EUA). Para o "Independent", essa advertência evidencia que 2007 será um ano crucial para determinar a resposta que o mundo dará ao aquecimento global e seus efeitos.

NASA

IMAGEM DA TERRA FEITA EM 1972
POR ASTRONAUTAS DA NAVE APPOLO-17
A CAMINHO DA LUA



Segundo o professor, o aquecimento global --que causou degelos no Ártico-- irá piorar com a chegada do El Niño, fenômeno causado pelo aumento das temperaturas médias das águas do oceano Pacífico.

Esses fenômenos farão com que 2007 seja mais quente que 1998, até agora o ano em que foram registradas as temperaturas mais altas, acrescenta o jornal. No Reino Unido, dezembro de 2006 foi o mês de inverno mais quente desde 1659.

"O fenômeno El Niño faz com que o mundo fique mais quente, e já há uma tendência de aquecimento que, a cada década, aumenta as temperaturas globais entre um e dois décimos de grau centígrado", diz Jones. "Isso pode fazer com que o ano de 2007 seja mais quente que 2006 e pode ser que os próximos 12 meses sejam os mais quentes já registrados", ressalta o professor.

FORA DE CONTROLE

Ao mesmo tempo, o cientista americano Jim Hansen, que em 1988 alertou sobre as mudanças climáticas, diz que o aquecimento global pode ficar fora de controle e mudar totalmente o planeta, a menos que medidas sejam tomadas rapidamente para reverter o aumento das emissões de carbono.

Também em entrevista ao "Independent", Hansen disse que a mudança climática pode aumentar o nível dos mares e causar a extinção de espécies.

Sua opinião é compartilhada pelo assessor científico do governo britânico, David King, que considera "essencial" chegar o mais rápido possível a um acordo sobre as emissões de carbono, consideradas causadoras do efeito estufa.

Essas opiniões coincidem com a advertência da Organização Mundial de Meteorologia, organismo da ONU que trata do clima no mundo todo, de que o fenômeno do El Niño já está estabelecido na bacia tropical do Pacífico.

Existe o temor de que esse fenômeno cause condições climáticas extremas no continente americano, no Sudeste Asiático e no sul da África, especialmente nos primeiros quatro meses de 2007, ressalta o "Independent".

O El Niño tem esse nome porque costuma se formar na época do Natal e ocorre em intervalos de entre dois e sete anos. Entre 1997 e 1998, o fenômeno causou a morte de mais de 2.000 pessoas e danos materiais estimados em US\$ 37,7 bilhões em todo o mundo.

15/02/2007 - 09h10

VEJA O QUE É POSSÍVEL MUDAR NO DIA-A-DIA PARA FREAR O AQUECIMENTO GLOBAL

TATIANA DINIZ
AMARÍLIS LAGE
da Folha de S.Paulo

O planeta está esquentando, e o risco de catástrofes naturais, aumentando. E o que você tem a ver com isso? Tudo. A queima de combustíveis fósseis e a produção desenfreada de lixo --duas das principais causas do aquecimento global-- estão diretamente relacionadas ao estilo de vida urbano, consumidor e predador da natureza que os humanos vêm adotando de modo cada vez mais acelerado.

Dá para mudar? Dá. Até mesmo na vida cotidiana, vivendo em cidade grande, morando em apartamento, trabalhando em prédio fechado com ar-condicionado e tendo carro.

Toni Pire/Folha Imagem



GELEIRA NA ANTÁRTIDA

A Folha ouviu especialistas e reuniu dicas simples para cuidar melhor da Terra e reduzir o impacto da nossa passagem por aqui. Para construir um planeta menos arriscado onde viverão seus netos e os netos dos seus netos. Para ser sustentável no dia-a-dia.

É claro que não é tudo. Há ameaças maiores. Somos moradores do país que concentra um terço das florestas mundiais e que ainda as desmata. Temos a maior biodiversidade do planeta e poucos governantes atentos a isso.

"Embora possamos dar várias contribuições individuais, lamento dizer que, a menos que os brasileiros assumam a liderança de cobrar o fim dos desmatamentos e das queimadas de suas florestas, os esforços cotidianos significam pouco", comenta o ecólogo norte-americano Douglas Trent.

Fernando Donasci/Folha Imagem

VISTA AÉREA DO RIO TARTARUGA, UM DOS AFLUENTES DO RIO XINGU



As ações individuais, embora louváveis, não são suficientes, concorda Miriam Duailibi, coordenadora-geral do Instituto Ecoar. Para ela, é preciso pressionar empresas e governos para que se comprometam a adotar soluções sustentáveis. "As pessoas têm que agir como indivíduos mas também como comunidade, eleitores, investidores e consumidores."

Ainda que sigamos todas as sugestões, será pouco. Estará apenas plantada a semente de uma nova relação com o planeta. Levará tempo para que brote, vingue e floresça. Mas, no futuro, os herdeiros da nossa espécie agradecerão pelos frutos desse gesto.

LEIA MAIS

Confira dicas simples para uma vida sustentável no dia-a-dia

Confira dicas simples para uma vida sustentável no escritório

Confira dicas simples para uma vida sustentável na hora das compras

Confira dicas simples de mudanças em sua casa para uma vida sustentável

15/02/2007 - 09h10

CONFIRA DICAS SIMPLES PARA UMA VIDA SUSTENTÁVEL NO DIA-A-DIA

TATIANA DINIZ

AMARÍLIS LAGE

da Folha de S.Paulo

NOS DESLOCAMENTOS

- Caminhe e pedale

Nos horários de congestionamento, dependendo da distância a ser percorrida, chega-se mais rápido a pé do que de carro. A bicicleta é uma alternativa de transporte veloz e que não polui. Além disso, as duas alternativas de deslocamento fazem bem à saúde.

- Compartilhe caronas

A queima de combustível fóssil é uma das principais causas do aquecimento global. Descubra quem vive na sua região, dê e pegue caronas. Evite andar sozinho de carro, é injusto quando se considera o impacto do seu "conforto" para o planeta.

- Use transportes coletivos

Em São Paulo, os deslocamentos de metrô ou via corredores de ônibus podem ser mais velozes do que em carros particulares. Deixe o carro na garagem e use a rede de transporte coletivo da sua cidade. Além de economizar combustível e estacionamento, você ainda estará pressionando governos a aperfeiçoarem essa alternativa.

Na rua

- Veja onde joga o lixo

Não jogue lixo no chão. O escoamento da água nos centros urbanos é complicado principalmente pelo lixo que obstrui as canaletas. Essa é uma das causas das enchentes e dos deslizamentos, além de estimular e proliferação de ratos, baratas e doenças.

- Deixe terra à vista

Pavimentar todo o solo não é bom. Ao construir sua calçada, por exemplo, você pode optar por materiais que permitem que a água o atravesse. Pontos de terra sem pavimento significam que o solo pode respirar. Chão todo pavimentado é como pele humana coberta de substância extremamente gordurosa e com todos os seus poros obstruídos.

NA NATUREZA

Daniel Farah/Folha Imagem

Cachoeira do Diogo, perto de Serranópolis (GO)

- Integre-se ao ecossistema local

No sítio ou na propriedade rural, evite desmatamentos e queimadas. Preserve matas ciliares (que beiram fontes d'água), elas têm um papel muito importante na manutenção da biodiversidade. Plante sementes nativas. Mantenha ou reconstrua o ecossistema local e posicione-se como parte dele.

- Plante árvores

O jargão continua valendo: plante uma árvore. Some a ele a oposição à derrubada das que existem ao seu redor, seja no seu quintal ou na calçada do seu prédio.

NO MAR

- Troque motor por vento

Nas diversões de verão, toque o jet sky e o passeio de lancha por um passeio de jangada, de caiaque, de windsurf, de kitesurf. A dica é trocar o óleo, que ameaça a biodiversidade marinha, por vento.

- Não deixe lixo praia

Uma sacola de plástico ou uma lata de refrigerante leva mais de cem anos para se decompor no fundo do mar. Uma garrafa de vidro, um milhão de anos. Desconhece-se o tempo necessário para que uma bóia de borracha se decomponha. Mais do que das florestas, o ar vem do mar. As maiores fontes de oxigênio e outros componentes importantes para o ar do planeta são os oceanos.

15/02/2007 - 09h10

CONFIRA DICAS SIMPLES PARA UMA VIDA SUSTENTÁVEL NO ESCRITÓRIO

TATIANA DINIZ
AMARÍLIS LAGE
da Folha de S.Paulo

NO ESCRITÓRIO

- Imprima menos

Antes de ativar a impressora, pense se é estritamente necessário imprimir os e-mails que recebe. Seja rígido na seleção e só imprima o que for indispensável. Para imprimir um e-mail você utiliza energia elétrica e matéria-prima oriunda das árvores.

- Reutilize papéis

Toda folha de papel tem dois lados, mas muitas vezes esquecemos disso. Reutilize folhas de papel. Faça blocos de nota com papéis usados ou mande folhas de volta para a impressora para imprimir no verso materiais só de leitura.

- Compartilhe material

Construa uma caixa comum de materiais como canetas, lápis cliques, post-its. Ali podem estar os materiais que não são pessoais. Isso evita que cada pessoa compre uma nova caneta a cada vez que não conseguir encontrar a sua.

- Seja seletivo no material

Papel reciclado, lápis de madeira certificada, canetas com componentes não-poluentes. Já existem muitas opções de material de escritório que são produzidas pensando na redução do impacto ambiental.

- Não ignore o verão

No verão, vá trabalhar de roupas leves e defenda isso na empresa em que trabalha. Se o seu cargo é de chefia, libere os subordinados de usar ternos e trajes formais calorentos diariamente nessa época do ano. Assim, o ar-condicionado poderá funcionar em menor potência, economizando energia e esquentando menos o mundo lá fora.

15/02/2007 - 09h10

CONFIRA DICAS SIMPLES PARA UMA VIDA SUSTENTÁVEL NA HORA DAS COMPRAS

TATIANA DINIZ
AMARÍLIS LAGE
da Folha de S.Paulo

NO SUPERMERCADO

- Desembale

Evite o excesso de embalagens. A energia usada para fabricar uma única lata de refrigerante é a mesma que a sua televisão utiliza se passar 172 horas ligada. O queijo fatiado, por exemplo, não precisa de bandeja de isopor nem de filme plástico. E, afinal, para que usar uma sacola de plástico para cada três produtos? Para pequenas compras, por exemplo, você pode levar sua sacola de casa.

- Use retornáveis

Não compre descartáveis. De copos e pratos a garrafas, dê preferência aos itens cujo fabricante já prevê a reutilização. Volte a usar garrafas retornáveis de cerveja.

- Prefira produtos locais

Prove os alimentos produzidos na sua região e dê preferência a eles. Além de mais frescos (o que é melhor para a sua saúde) significam um modo de produção menos impactante, e menos emissão de gases no processo de transporte.

- Consuma menos

Repense seu calendário de compras e evite comprar alimentos que estragam rápido --isso significa mais idas ao supermercado, mais queima de combustível fóssil e mais consumo irracional. Antes de comprar qualquer coisa, pergunte-se se você realmente precisa daquilo. Não compre o que não é necessário e cuide do que vai fazer com o lixo da sua compra.

15/02/2007 - 09h10

CONFIRA DICAS SIMPLES DE MUDANÇAS EM SUA CASA PARA UMA VIDA SUSTENTÁVEL

TATIANA DINIZ
AMARÍLIS LAGE
da Folha de S.Paulo

EM CASA

- Economize água

Diminua o tempo dos banhos, feche a torneira enquanto escova os dentes, use regador em vez de mangueira, varra a calçada em vez de lavá-la. De acordo com dados do International Hydrological Programme da Unesco, 97,5% da água do planeta é salgada. A água doce só representa 2,5% e está, em sua maior parte, nas calotas polares. Apenas 0,3% encontra-se acessível em lagos, rios e lençóis subterrâneos. Com a poluição dessas fontes, a escassez de água no planeta é uma preocupação mundial. Leve-a para casa.

- Separe o lixo

Mesmo que a sua cidade não ofereça serviços de coleta seletiva, separe o lixo em casa e descubra para onde você pode levar material reciclável como vidro, plástico, metal e papel. Tenha especial cautela com lixos poluentes como lâmpadas com mercúrio, pilhas ou baterias usadas, que não podem ser misturados ao lixo comum. O mau gerenciamento dos resíduos da atividade humana é uma das causas diretas do aquecimento global.

- Desplugue

Embora seja menos impactante do que a queima de combustível fóssil, o modo de produção da energia hidrelétrica largamente usado pelo Brasil também é desfavorável à natureza. Tire os eletrodomésticos da tomada enquanto estão desligados e evite deixar equipamentos no modo "standby", que ainda significa consumo. Prefira eletrodomésticos economizadores de energia.

- Certifique-se da madeira

Na hora de comprar móveis de madeira, procure saber de onde vem a matéria-prima. Prefira móveis certificados (selo FSC) e oriundos de florestas de manejo sustentável. Dessa forma, você age diretamente contra o desmatamento e pela preservação das florestas brasileiras.

-Tenha plantas

Nos jardins, nos quintais, nas sacadas, na calçada, na sala do apartamento, no hall do prédio. Plantas significam mais qualidade no ar e menos poluição. Podem ainda significar alimentos frescos para quem mantém pequenas hortas em casa.

Fontes: "Carta das Responsabilidades - Vamos Cuidar do Brasil", escrita por crianças brasileiras durante 2ª Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente; Douglas Trent, ecólogo pela Kansas University (EUA); Ecolatina; Glen Strachan, Gillian Symons, Ros Wade, tutores e alunos do Educational for Sustainability Programme da London South Bank University (Inglaterra); Rachel Trajber, coordenadora-geral de educação ambiental da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação; Raquel Biderman, advogada do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV-EAESP.

18/12/2006 - 18h55

Entenda a importância e as conseqüências do mau uso da água

da Folha Online

Fundamental para a manutenção da biodiversidade e de todos os ciclos naturais, a produção de alimentos e a preservação da própria vida, a água vem se tornando cada vez mais um recurso estratégico para a humanidade. Nosso mais valioso recurso é tema do LIVRO "A ÁGUA", DA "FOLHA EXPLICA", cujo primeiro capítulo é disponibilizado abaixo.

Divulgação

"A ÁGUA" mostra importância e conseqüências do mau uso da água.

As grandes civilizações já dependem e vão depender, cada vez mais, da água para sua sobrevivência econômica e biológica, além do desenvolvimento econômico e cultural. Assim "A Água" analisa, de forma didática, questões como as propriedades essenciais da água, seus múltiplos usos, o impacto da exploração humana dos recursos hídricos e suas conseqüências.

Um dos autores, José Galizia Tundisi, é presidente do Instituto Internacional de Ecologia de São Carlos e foi presidente do CNPq.

Takako Matsumura Tundisi, por sua vez, é professora titular aposentada da Universidade Federal de São Carlos e diretora científica do Instituto Internacional de Ecologia.

"Folha Explica A Água"

Autor: José Galizia Tundisi e Takako Matsumura Tundisi

Editora: Publifolha

Páginas: 128

Quanto: R\$ 17,90

Onde comprar: nas principais livrarias, pelo telefone 0800-140090 ou pelo site da Publifolha

CONFIRA A INTRODUÇÃO DO "FOLHA EXPLICA A ÁGUA":

A água é um recurso estratégico para a humanidade, pois mantém a vida no planeta Terra, sustenta a biodiversidade e a produção de alimentos e suporta todos os ciclos naturais. A água tem, portanto, importância ecológica, econômica e social. As grandes civilizações do passado e do presente, assim como as do futuro, dependem e dependerão da água para sua sobrevivência econômica e biológica, e para o desenvolvimento econômico e cultural. Há uma cultura relacionada com a água e um ciclo hidrossocial na inter-relação da população humana com as águas continentais e costeiras.

Embora dependam da água para sua sobrevivência e para o desenvolvimento econômico e social, as sociedades humanas poluem e degradam este recurso --tanto as águas superficiais como as subterrâneas. A diversificação de usos múltiplos, a deposição de resíduos sólidos e líquidos em rios, lagos e represas, e o desmatamento e ocupação de bacias hidrográficas têm produzido crises de abastecimento e crises na qualidade das águas. Todas as avaliações atuais sobre a distribuição, quantidade e qualidade das águas apontam para mudanças substanciais na direção do planejamento, gerenciamento de águas superficiais e subterrâneas. Para uma adequada gestão dos recursos hídricos é necessária uma integração mais efetiva e consistente das informações sobre o funcionamento de lagos, rios, represas e áreas alagadas e dos processos econômicos e sociais que influenciam os recursos hídricos.

Este livro mostra os usos deste recurso natural fundamental para a continuidade da vida no planeta Terra e aponta os principais problemas referentes ao ciclo da água.

Na seção introdutória, abaixo, apresentam-se informações gerais referentes à água e sua distribuição no planeta Terra, especialmente os valores de águas doces e salinas e águas no estado sólido. Veremos que a água doce disponível é apenas uma pequena fração dos recursos hídricos do planeta.

No capítulo 1 discute-se o ciclo hidrológico e seus componentes, tais como precipitação, evaporação e drenagem, entre outros. Os volumes relativos a cada etapa do ciclo serão examinados, bem como a água existente nos principais rios e lagos do planeta. Nesse capítulo também são discutidas as propriedades essenciais da água e as características físicas e químicas que fazem dela uma substância peculiar, de enorme importância para a vida de todos os organismos da Terra, incluindo a espécie humana.

No capítulo 2 são apresentados e discutidos os volumes e estatísticas sobre os recursos hídricos do Brasil e as relações entre a distribuição dos recursos hídricos e a população. Discute-se também a importância das atividades humanas no ciclo hidrológico e a disponibilidade hídrica social.

O capítulo 3 apresenta os usos múltiplos da água e os benefícios que podem trazer ao desenvolvimento e manutenção da qualidade de vida. Apresentam-se também os históricos e as tendências no uso das águas e a disponibilidade social no acesso a ela como motivo da exclusão social. São também discutidos os usos múltiplos da água no Brasil e sua importância para o desenvolvimento do país.

No capítulo seguinte discutem-se os impactos das várias atividades humanas, do crescimento populacional e da contaminação do solo e atmosfera na situação dos recursos hídricos. A contaminação das águas superficiais e subterrâneas é um dos problemas que afetam a segurança coletiva da população e a saúde pública.

Os impactos de usos múltiplos dos recursos hídricos no Brasil e suas consequências ecológicas, econômicas e sociais são discutidos no capítulo 5, em que também são apresentadas informações sobre sua magnitude e o potencial para aumento no futuro, se ações decisivas e integradas não forem implantadas.

No capítulo 6 são abordados o planejamento e gestão dos recursos hídricos. Descrevem-se a evolução dos sistemas e processos de gerenciamento e gestão ao longo do século 20 e também os vários mecanismos para gestão integrada e preditiva, especialmente ao nível de bacia hidrográfica.

Finalmente, no capítulo 7, são discutidas as questões principais referentes ao futuro dos usos e gestão das águas no século 21:

alternativas para enfrentar a escassez, mecanismos e tecnologias avançadas para diminuir a contaminação e ainda a introdução de uma nova ética para a água --consubstanciada na gestão ambiental mais ampla--, usos do solo, proteção das florestas e biodiversidade, recuperação e proteção de áreas alagadas. Apresentam-se as últimas resoluções das Nações Unidas sobre o problema da água, culminando com a implantação da Década Mundial da Água a partir de 2005.

O leitor poderá consultar um glossário, no fim do livro, para melhor explicação sobre termos utilizados. Também foram incluídos termos não utilizados no texto, mas que podem ser úteis para esclarecimentos futuros.

Considerando-se a obra como um todo, foi feito um esforço no sentido de promover uma visão sistêmica, sintética e útil sobre um recurso natural essencial à sobrevivência das espécies --incluindo a espécie humana-- e vital para o funcionamento equilibrado do planeta.

A ÁGUA NO PLANETA TERRA

A água é uma substância essencial à vida. É encontrada na Terra sob as formas sólida, líquida e gasosa. Noventa e oito por cento da água neste planeta encontra-se nos oceanos (aproximadamente 109 mil km³ de água). Águas doces, que constituem os rios e lagos nos continentes, e águas subterrâneas são relativamente escassas. Estas águas doces nos continentes são a fonte que produz alimentos e colheitas, mantém a biodiversidade e os ciclos de nutrientes, e mantém também as atividades humanas. Sem água de qualidade adequada, o desenvolvimento econômico-social e a qualidade da vida da população humana ficam comprometidos. As fontes de água doce, superficiais ou subterrâneas, têm sofrido, especialmente nos últimos cem anos, em razão de um conjunto de atividades humanas sem precedentes na história: construção de hidrovias, urbanização acelerada, usos intensivos das águas superficiais e subterrâneas na agricultura e na indústria.

O ciclo hidrológico (passagem constante de um estado a outro, como veremos no capítulo 1) renova as quantidades de água e também a sua qualidade. Entretanto, esta água que passa do estado líquido para o gasoso, e também se acumula no estado sólido (gelo) nas calotas polares, não é infinita. O ciclo renova a quantidade de vapor d'água na atmosfera e a quantidade da água líquida, periodicamente, mas é sempre a mesma quantidade de água que é renovada. O aumento intenso de demanda diminui, portanto, a disponibilidade de água líquida e coloca em perigo os usos múltiplos, a expansão econômica e a qualidade de vida. As águas doces continentais também sofrem com a contaminação causada por inúmeras

substâncias, pelo despejo de esgotos domésticos e industriais, e com acúmulo destas nos sedimentos de rios, lagos e represas.

Como se chegou a este ponto no uso e degradação de um recurso natural vital para a sobrevivência de todas as espécies de animais e plantas?

A resposta é: porque se acreditava que o recurso era infinito, assim como a capacidade de autodepuração do sistema. Pensava-se que a tecnologia desenvolvida pelo homem poderia tratar qualquer tipo de água contaminada e recuperá-la. Na verdade, o recurso é finito, pois a quantidade de água líquida depende de demanda, e a capacidade de autodepuração dos sistemas tem limite; é bom ter em mente, também, que os custos para transformar água de qualquer qualidade em água potável estão se tornando proibitivos.

Deve-se ainda considerar que as grandes massas urbanas --3 bilhões de pessoas-- necessitam de grandes volumes de água para sua sustentabilidade; além disso, produzem uma massa enorme de detritos (fezes e urina), que necessitam de tratamento imediato para não contaminar as águas superficiais e subterrâneas. Este conjunto de problemas levou à atual situação da água, uma crise sem precedentes, que demanda ações de curto, médio e longo prazos.

1 "Usos múltiplos" da água referem-se aos usos para várias atividades simultaneamente: por exemplo, a água de um lago pode ser utilizada ao mesmo tempo para abastecimento público, recreação, turismo e irrigação.

17/02/2007 - 08h48

AQUECIMENTO AMEAÇA GELEIRAS TROPICAIS ADVERTE PESQUISA DA BBC BRASIL

O aquecimento global está provocando o derretimento das geleiras eternas em regiões tropicais, colocando sob ameaça o abastecimento de água para milhões de pessoas, segundo advertiram pesquisadores da Universidade Estadual de Ohio.

A advertência foi feita durante o encontro anual da Associação Americana para o Avanço da Ciência, em São Francisco.

Segundo os pesquisadores, a geleira Qori Kalis, no Peru, pode perder metade de seu tamanho nos próximos 12 meses e desaparecer completamente em cinco anos.

A geleira estaria perdendo cerca de 60 metros ao ano atualmente, contra uma média de um metro ao ano durante os anos 1960.

O derretimento das geleiras estaria afetando também outros países andinos - Colômbia, Venezuela, Equador e Bolívia.

PROVA CLARA

Os pesquisadores dizem que o encolhimento das geleiras é a prova mais clara até hoje do aquecimento provocado pelas mudanças climáticas.

"As geleiras tropicais em baixas altitudes já estão desaparecendo", disse a glacióloga Lonnie Thompson, que chefiou a pesquisa.

"Não importa o que fizermos, vamos perder as geleiras do Kilimanjaro (a montanha mais alta da África), vamos perder as geleiras de baixa altitude nos Andes. A questão é quão longe teremos que chegar antes que haja alguma ação significativa para reduzir emissões", lamenta Thompson.

Segundo ela, a perda das geleiras tropicais deverá ter um grande impacto sobre a vida de milhões de pessoas que dependem delas para seu abastecimento de água.

03/03/2007 - 12h29

BRASILEIROS VÃO MAPEAR "RADIADOR" POLAR

CLAUDIO ANGELO

Editor de Ciência da Folha de S.Paulo

O aquecimento global pode estar enguiçando o principal "radiador" do hemisfério Sul. Cientistas brasileiros descobriram indícios de que as correntes de convecção do oceano Austral, que dissipam o calor da região, estão sendo afetadas pelo derretimento de geleiras na península Antártica. No próximo verão, eles partem para o continente gelado para investigar a extensão desse dano.

O projeto, liderado por oceanógrafos do Rio Grande do Sul, é um dos sete estudos brasileiros em colaboração com grupos de outros países que integram a participação do país no Ano Polar Internacional (API).

O grupo coordenado por Carlos Alberto Eiras Garcia, da Furg (Fundação Universidade do Rio Grande), vai examinar o estado de saúde da chamada circulação termohalina austral. Ela consiste em um cinturão de correntes oceânicas que ajudam a manter o equilíbrio climático do planeta.

Esse radiador colossal funciona da seguinte forma: correntes quentes trazem o calor da zona equatorial atlântica para o pólo, dissipando-o no caminho. Na Antártida --mais especificamente no mar de Weddell-- essas correntes resfriam e ficam mais salgadas. Isso aumenta sua densidade e faz com que elas afundem, formando correntes frias submarinas que sobem rumo à América do Sul, como a das Malvinas.

Além de dissipar o calor, a corrente submarina traz um bônus para a América do Sul: nutrientes do fundo do oceano para o mar argentino. "É por isso que o litoral gaúcho é o mais rico [em peixe] do país", disse Eiras Garcia à Folha. Quem aprecia os congros da Argentina sabe do que ele está falando.

Acontece que, para se manter, esse cinturão de convecção precisa da diferença de densidade. E o degelo na península Antártica, uma das regiões do planeta que mais esquentaram nos últimos 50 anos, pode estar acabando com ela, ao jogar mais água doce no oceano Austral. Com salinidade diminuída, a corrente deixa de afundar.

Garcia e seus colegas vão navegar no mar de Weddel em busca desses pontos de afundamento, para determinar o estado de saúde da corrente.

O prognóstico, porém, é pessimista: estudos anteriores já detectaram que as águas de fundo do estreito de Bransfield (oeste da península), já estão mais quentes e menos salgadas.

19/02/2007 - 09h17

ESPECIALISTAS PEDEM EMBARGO À PESCA EM ÁGUAS PROFUNDAS

RAFAEL GARCIA

Enviado especial da Folha de S. Paulo a San Francisco

Um grupo internacional de especialistas em biodiversidade marinha lançou ontem um apelo em favor de um embargo à pesca de espécies de águas profundas (mais de 500 metros abaixo da superfície).

Em uma série de palestras na reunião anual da AAAS (Associação Americana para o Avanço da Ciência), em San Francisco, os pesquisadores mostraram indícios de que os navios pesqueiros já estão fazendo estrago em lugares onde biólogos nunca estiveram. Divulgação

O grenadier, peixe de águas profundas que integra o "cardápio proibido" dos cientistas

"O que é triste é constatar que, à medida que descobrimos novas espécies, vemos que elas já estão impactadas", diz Murray Roberts, da Associação Escocesa para Ciências do Mar. "E nós já sabemos que essas populações de peixes podem levar de centenas a milhares de anos para se recuperar."

O problema deriva, em grande parte, do tipo de vida que é encontrada em grandes profundidades. "A adaptação biológica para viver nessas águas extremamente frias é tornar-se lento", explica a bióloga Selina Heppell. "Alguns peixes demoram até 36 anos para atingir a maturidade sexual e podem viver até 150 anos."

Com esses ciclos de vida longos, dificilmente uma espécie poderá sobreviver à voracidade da indústria pesqueira, que nos últimos anos tem lançado mão de técnicas novas para levar redes de arrasto cada vez mais fundo. Além de conseguir estender as redes, o transporte por grandes distâncias está facilitado por técnicas de refrigeração instantânea e pelo rastreamento de cardumes com uso de aparelhos de GPS.

Segundo o pesquisador Sumaila Hashid, da Universidade da Colúmbia Britânica (Canadá), é um tipo de pesca pouco rentável, que só prospera por causa de incentivos governamentais. "Nossa estimativa é de que os subsídios para essas frota de navios hoje somem US\$ 152 milhões, o que representa 15% do valor da frota estacionada",

diz o pesquisador. "Mas o lucro obtido por esse grupo de navios em geral não passa de 10% do valor da frota."

Entre os países que subsidiam a prática estão Japão, Espanha, Rússia, Coreia do Sul, Austrália, Ucrânia e França.

Pessoas que assistiram à palestra dos pesquisadores em San Francisco receberam um folheto para orientar o consumo responsável de frutos do mar, uma das grandes atrações turísticas da cidade.

Entre espécies listadas no pequeno "cardápio proibido" figuram peixes como a merluza-negra (*Dissostichus eleginoides*). Ela é capturada com redes de arrasto de alcance profundo. Outro grupo ameaçado é o dos grenadiers (*Macrouridae*).

Como se não bastasse a sobrepesca, algumas dessas espécies já estão ameaçadas pela deterioração de corais profundos causada pela acidificação do oceano, uma consequência do aquecimento global que já se faz sentir.

MORATÓRIA

A boa notícia é que o pedido de moratória já está sendo discutido na ONU com o apoio de Brasil, EUA, Chile, Noruega e outros países. A medida sofre resistência do Japão e do Canadá, mas em dezembro todos entraram em acordo para que se produza uma avaliação mais precisa dos estoques de peixes no fundo do mar.

"O ônus da prova mudou de lado", diz Mathew Gianni, da Coalizão de Conservação do Mar Profundo. Pelo acordo preliminar, por enquanto, os recursos pesqueiros de áreas internacionais profundas só podem ser acessados se o país que deseja fazê-lo provar que o ecossistema a ser explorado não está ameaçado. "Mas precisamos ver se, na prática, o acordo será cumprido", diz Gianni.

ESPECIAL

Leia o que já foi publicado sobre pesca em águas profundas

17/02/2007 - 12h18

PLANETA REGISTRA JANEIRO MAIS QUENTE DA HISTÓRIA

DIZ CIENTISTA DA FRANCE PRESSE, EM NOVA YORK
com Folha Online

As temperaturas mundiais registradas em janeiro foram as mais altas da história já registradas neste período do ano, anunciaram cientistas da Administração Oceânica e Atmosférica americana (NOAA, sigla em inglês) --há registros da temperatura do planeta desde 1880.

"As temperaturas mundiais terrestres e da superfície dos oceanos foram as mais elevadas registradas para um mês de janeiro", disse o organismo em um comunicado, citando cientistas de seu centro de dados climáticos.

De acordo com relatórios preliminares, em janeiro, as temperaturas ficaram 0,85°C acima da média do século 20, batendo o recorde estabelecido em 2002, de 0,71°C sobre a média.

Em particular, as temperaturas terrestres estavam 1,89°C acima da sua média em janeiro, um nível recorde, enquanto as temperaturas oceânicas eram as quartas mais quentes já registradas em 128 anos, ou seja 0,1°C abaixo do recorde estabelecido em 1998, no auge do fenômeno El Niño.

"O fenômeno El Niño e a tendência contínua para o aquecimento climático contribuíram para que o mês de janeiro de 2007 fosse o mais quente já conhecido", explicou a NOAA em sua declaração.

No último século, as temperaturas mundiais na superfície subiram a um ritmo de 0,06°C a cada dez anos, mas o aumento foi três vezes mais elevado desde 1976, a 0,18°C a cada década, com alguns dos mais fortes aumentos de temperatura nas elevadas latitudes do hemisfério Norte ou perto do pólo Norte.

08/02/2007 - 18h56

PARA EDITOR DE CIÊNCIA

PLANETA SOBREVIVERÁ MAS SERÁ DESAGRADÁVEL

da Folha Online

A Terra não acabará por causa do aquecimento global, mas se tornará um lugar bem menos agradável para viver --sobretudo às populações mais pobres. Foi o que afirmou o jornalista Claudio Angelo, editor de Ciência da Folha, ao participar nesta quinta-feira (8) de um bate-papo sobre aquecimento global.

Arquivo pessoal

Claudio Angelo, editor de Ciência, a bordo de barco do Laboratório de Biologia Marinha, EUA

No chat, Angelo conversou com 321 internautas sobre, entre outros, o estudo das Nações Unidas, divulgado na semana passada, que prevê aumento de até 4°C na temperatura média da Terra até 2100.

Segundo o jornalista, há ações práticas para barrar a crise ambiental, mas as chances de que essas medidas sejam tomadas são nulas.

"Há uma medida prática muito simples: cortar 50% das emissões globais de CO2 para limitar os níveis do gás a 550 ppm (mais ou menos o dobro do que era em tempos pré-industriais) e limitar o aquecimento em 2100 a 2°C. O problema é que isso simplesmente não vai acontecer, porque a economia global é baseada em petróleo."

O editor do caderno de Ciência comentou também alternativas energéticas, como a energia nuclear ("mais do que disponível e de emissão zero"). "Poderia ser usada, por exemplo, num cenário de transição, entre o carvão mineral e as energias renováveis. Estou pensando alto", ponderou.

Ao ser questionado sobre o que cada um pode fazer individualmente para barrar uma "catástrofe ambiental", Angelo citou a compra de lâmpadas mais econômicas e uso de carros flex. Mas minimizou medidas isoladas: "a diferença que isso fará é desprezível".

Arquivo pessoal

Claudio Angelo falou sobre o aquecimento global em bate-papo nesta quinta-feira

O jornalista ainda respondeu perguntas sobre as supostas catástrofes que vem pela frente, segundo o cenário mais grave apresentado pelo IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança do Clima) para 2100.

"O Rio e Recife não vão acabar por causa de 59 cm a mais de nível do mar, mas haverá problemas de infra-estrutura urbana sérios, para os quais os governos precisam preparar planos de adaptação e defesa civil. As ressacas no Rio, por exemplo, poderão afetar o sistema de metrô e os esgotos."

Claudio Angelo, 31, é editor de Ciência desde julho de 2004. É jornalista especializado em ciência e ambiente desde 1998. Foi editor da revista "Superinteressante", da editora Abril.

Com uma hora de duração, os bate-papos são abertos ao público em geral, mesmo para quem não é assinante da Folha ou do UOL. Para participar, basta estar conectado à internet e acessar o site da Folha Online, no www.folha.com.br.

Leia mais

Temperatura do planeta aumentará até 4°C até 2100, diz ONU

02/02/2007 - 09h13

TEMPERATURA DO PLANETA AUMENTARÁ ATÉ 4°C ATÉ 2100 DIZ ONU

da France Presse, em Paris - da Folha Online

A temperatura média do planeta subirá de 1,8°C a 4°C até 2100, provocando um aumento do nível dos oceanos de 18 a 59 cm, inundações e ondas de calor mais freqüentes, além de ciclones mais violentos durante mais de um milênio.

[confira o relatório completo em inglês no formato .PDF]

As conclusões foram anunciadas nesta sexta-feira em Paris pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês), da ONU (Organização das Nações Unidas).

O comitê do IPCC engloba centenas de cientistas e representantes de 113 países.

O documento de 21 páginas --o mais importante a respeito do aquecimento global-- traça um quadro preocupante sobre o futuro do

planeta caso não sejam adotadas as medidas adequadas. De acordo com os especialistas do IPCC, o aquecimento do planeta se deve, com 90% de chance, às emissões de dióxido de carbono provocadas
Benoit Tessier/Reuters

Torre Eiffel apagada em ato simbólico sobre o efeito estufa pelo homem. Benoit Tessier/Reuters

Torre Eiffel apagada em ato simbólico sobre o efeito estufa

O IPCC afirmou ainda que as emissões passadas e futuras de CO2 continuarão contribuindo para o aquecimento global e a elevação do nível dos mares durante mais de um milênio, levando em consideração sua permanência na atmosfera.

Se os países não adotarem os meios para reduzir a poluição da atmosfera, a temperatura média pode aumentar até 6,4%.

Este desajuste modificará totalmente as condições climáticas: provocará ondas de forte calor, as inundações serão cada vez mais frequentes, os ciclones tropicais, tufões e furacões provavelmente serão mais intensos, os recursos de água potável diminuirão e a elevação do nível do mar pode provocar o desaparecimento de algumas ilhas e superfícies férteis.

As mudanças obrigarão milhares de pessoas a abandonarem suas casas, e o número de refugiados do clima será superior ao de refugiados de guerra, alertam alguns especialistas.

Encontro

A reunião na capital francesa de 500 especialistas do grupo, criado em 1988 pela ONU e a Organização Meteorológica Mundial com o objetivo de servir de mediador entre os cientistas e os governantes, é a conclusão de mais de dois anos de trabalho.

De acordo com a organização ecológica Greenpeace, o informe do painel intergovernamental aciona o 'sinal de alerta' necessário para impulsionar os governos à ação.

'Se o último relatório do IPCC em 2001 nos fez despertar, este é um sinal de alerta. A boa notícia é que nossa compreensão do sistema climático e do impacto humano melhorou, a ruim é que nosso futuro parece perigoso', afirma a organização em um comunicado.

Diante das previsões desalentadoras, os cientistas esperam que a comunidade internacional apresente uma resposta vigorosa e unida

que implique a continuidade do Protocolo de Kyoto, destinado a reduzir as emissões de dióxido de carbono, cuja primeira fase expira em 2012.

No entanto, este protocolo ainda não foi ratificado pelos Estados Unidos, que é o maior poluidor mundial.

Danos

O chefe do Comitê Internacional de Mudanças Climáticas, Rajendra Pachauri, qualificou o relatório como um documento "muito impressionante", que vai além dos "estudos anteriores".

Segundo Susan Solomon, cientista do governo dos EUA, "não há dúvidas de que o aumento de gases poluidores é causado pelas atividades humanas".

De acordo com o documento, não importa o quanto a civilização reduza a emissão de gases, o aquecimento global e o aumento do nível dos oceanos vão perdurar por séculos.

"Não é algo que possa ser detido. Nós teremos que conviver com isso", afirmou Kevin Trenberth, diretor de análises climáticas do Centro Nacional de Pesquisa Atmosférica de Boulder, no Colorado, à Associated Press.

"Estamos criando um planeta diferente. Em cem anos, teremos um clima diferente", afirmou.

Criado pela ONU em 1988, o comitê divulga relatórios a cada cinco ou seis anos. Os documentos são divulgados em fases -- este é o primeiro de quatro previstos para este ano.

03/02/2007 - 17h00

CRISE CLIMÁTICA PEGA BRASIL DESPREVENIDO

EDUARDO GERAQUE - da Folha de S.Paulo

A São Paulo da garoa e do café não existe mais. As geadas paulistas, com o passar dos anos, viraram fenômenos esparsos. No noroeste do Estado, o café está deixando de ser plantado devido ao calor em excesso. Com esse clima, quem ganha espaço são as seringueiras, nativas da quente Amazônia.

Para quem acha que o impacto das mudanças climáticas em São Paulo e no Brasil virá apenas daqui muitas décadas, os cálculos do pesquisador Hilton Pinto, do Cepagri (Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas a Agricultura), da Unicamp, são um verdadeiro balde de água fria --quer dizer, quente, no caso.

O governo deveria se interessar por esses números e por outros, que vêm sendo produzidos pelos cientistas. Mas o Brasil não tem um plano de adaptação para a mudança climática. 'As políticas são insuficientes', admite Luiz Pinguelli Rosa, professor da Coppe (Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Secretário Executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, órgão cujo chefe é o presidente Lula.

Para o pesquisador, falta uma cultura que envolva as mudanças do clima no dia-a-dia das cidades e do país. "O tema das adaptações aos impactos é onde estamos pior. É preciso colocar essas previsões até no âmbito das enchentes que ocorrem nas cidades", afirma Pinguelli.

Número mágico

Para tentar criar essa cultura é que Pinto, da Unicamp, especialista em ligar dados do clima com a agricultura, prefere olhar para o passado e o presente.

"No Estado de São Paulo, nos últimos cem anos, as médias das temperaturas mínimas subiram de 2,5°C a 3°C. Ou seja, as madrugadas ficaram mais quentes. Isso é bem perceptível pelos dados que temos", diz.

Segundo Pinto, a migração das culturas na agricultura paulista é uma realidade. Na cálida São José do Rio Preto, o café está abrindo passagem para as seringueiras, que prosperam sob o clima amazônico.

"No caso do café, o 34 é um número mágico. Na época do florescimento, não podem ocorrer mais do que cinco dias com temperaturas superiores aos 34°C. Se isso ocorre, a produção é perdida. As flores e os frutos não são produzidos."

São Paulo da borracha

Se antes o noroeste paulista estava na fronteira da cultura do café, hoje, tudo mudou.

"Em 1990, havia 2,3 mil hectares de seringueiras plantadas naquela região. Em 2005, a área dessa cultura já era de 20 mil hectares. Essa cultura terá um bom futuro", diz Pinto.

De seu computador da Unicamp (que tem como fundo de tela um pôr-do-sol onde o astro está trocado pelo símbolo do Corinthians), Pinto tira dados que mostram o fenômeno em outros pontos do Estado. Os seringueiros, entre 1990 e 2005, pularam dos 3,7 mil hectares para 37 mil hectares.

"Não tem escapatória. O aumento de 3°C nas temperaturas máximas do Brasil, apenas no caso do café, significa um prejuízo de R\$ 2 bilhões. No total, para todos os grãos, a perda do potencial de plantio no país será de 25%", afirma Pinto.

"No prazo entre 20 anos e 45 anos teremos um cenário agrícola bastante diferente."

O efeito passado e presente das mudanças climáticas no Brasil, percebidos principalmente no campo, reforça uma perspectiva sinistra.

O modelo feito pela Unicamp, em parceria com a Embrapa Informática Agropecuária, mostra que as perdas econômicas, para a maior parte dos agricultores, aumentarão.

Em termos nacionais, o café continua um exemplo emblemático. "Caso a temperatura aumente em média 5,8°C, vamos perder 92% da área útil de plantio em São Paulo, Minas Gerais e Paraná", explica Pinto.

Os cenários futuros construídos pelos pesquisadores consideram aumentos de temperatura da ordem de 1°C, 3°C e 5°C. E um aumento nos níveis de chuva em 5%, 10% e 15%. O índice de acerto das previsões é de 80%, que também considera os tipos de solo para o plantio.

Depois do café, que tende a migrar para o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, a soja também será impactada. Ela poderá perder até 64% de área, com um aumento de 5,8°C.

"A cultura da soja depende muito de água. Por isso, no Rio Grande do Sul, por causa da maior quantidade de secas, ela deverá desaparecer por completo", profetiza Pinto.

© 2006 UN FOUNDATION, ALL RIGHTS RESERVED

PRESS RELEASE

Science Panel Outlines Roadmap for
Reducing Risks from Climate Change

February 27, 2007

<http://www.unfoundation.org/staging/seg/>

DOWNLOADS



EXECUTIVE SUMMARY Download PDF (3 MB)

http://www.unfoundation.org/files/pdf/2007/SEG_ExecSumm.pdf



FULL REPORT Download PDF (13 MB)

http://www.unfoundation.org/files/pdf/2007/SEG_Report.pdf

NEWS COVERAGE / LINKS:

<http://www.unfoundation.org/staging/seg/>

CONSERVATION MAY LIMIT GLOBAL WARMING

The Los Angeles Times 2.28.07

GLOBAL WARMING DEBATE OVER, TIME TO ACT NOW - REPORT

Reuters 2.28.07

STUDY: 'TIPPING POINT' FOR CLIMATE IS NEAR

USA Today 2.28.07

SCIENTISTS URGE GLOBAL ACTION ON CLEAN ENERGY

The New York Times 2.28.07

PLAN FOR CUTTING CLIMATE CHANGE RISK

Scoop 2.28.07

OUTLINE FOR U.N. PLAN ON CLIMATE CHANGE

United Press International 2.27.07

SCIENCE PANEL OUTLINE ROADMAP FOR REDUCING RISKS FROM CLIMATE CHANGE

U.S. Newswire 2.27.07

SCIENTISTS OFFER CLIMATE PLAN TO U.N.
The Washington Post 2.27.07

16/02/2007 - 12h35

CHINA DESENVOLVE 1º PLANO NACIONAL PARA ATENUAR MUDANÇA CLIMÁTICA

da Efe, em Pequim

A China está elaborando seu primeiro plano nacional para atenuar a mudança climática, que inclui medidas para reduzir as emissões de poluição e para estimular tecnologias que respeitem o ambiente, publicou hoje o jornal oficial "China Daily".

O projeto pretende envolver todas as agências governamentais locais, que em alguns casos ainda não têm consciência da magnitude do problema, afirmou Lu Xuedu, diretor do departamento de assuntos ambientais do Ministério de Ciência e Tecnologia.

Além disso, o plano destacará os efeitos e as conseqüências da mudança climática e formulará políticas para apoiar a cooperação internacional e a transferência de tecnologias. A minuta do projeto será submetido ao Conselho de Estado para sua aprovação no final de fevereiro, declarou Lu.

Na sua interpretação, o programa é mais "uma guia de atuações" do que um manual com metas concretas, já que seria "pouco realista" tentar alcançar objetivos específicos em algumas áreas ambientais.

Zou Ji, um dos responsáveis pela minuta, explicou que a China melhorou no desenvolvimento da reciclagem energética e na exploração do gás e do carvão, embora frear os efeitos da mudança climática continue sendo um desafio para o país.

Um estudo realizado por várias entidades oficiais e divulgado recentemente disse que as temperaturas continuarão crescendo no país, principalmente no norte, e poderão aumentar 2,1°C até 2020 e até 3,3°C em 2050. Além disso, o estudo prevê um aumento do nível do mar de 9 e 31 milímetros nos próximos 3 a 10 anos.

"O crescimento é assombroso", disse Lu, para quem cidades litorâneas como Xangai terão que enfrentar grandes desafios caso a situação não melhore.

14/02/2007 - 09H44

PREMIÊ DIZ QUE NOVA ZELÂNDIA SERÁ 1º PAÍS COM EMISSÃO ZERO

da Folha de S.Paulo / da Associated Press

A premiê da Nova Zelândia disse ontem que seu país será o primeiro do mundo neutro em gases-estufa (ou seja, que retira da atmosfera a mesma quantidade que emite), e anunciou grandes cortes de emissões e metas para uso de biocombustíveis.

Em seu primeiro grande discurso no Parlamento em 2007, Helen Clark comparou a ameaça atual da mudança climática com a do holocausto nuclear durante a Guerra Fria e disse que seu país precisa liderar a luta contra ela.

"Acredito que a Nova Zelândia possa aspirar a ser a primeira nação realmente sustentável", disse Clark. "Acredito que possamos aspirar a ser neutros em carbono em nossa economia e em nosso modo de vida."

A primeira-ministra anunciou uma série de medidas ambiciosas (o país ainda tem dificuldade para cumprir sua meta de Kyoto), que nenhum outro país desenvolvido está preparado para considerar.

Entre elas está a adoção obrigatória dos biocombustíveis, que deverão somar 3,4% de todo o combustível sólido no país até 2012. A Nova Zelândia tem sido até agora aliada dos EUA --que rejeitam o acordo de Kyoto-- nas negociações sobre clima. O imenso rebanho ovino do país também é um grande emissor de metano.

12/02/2007 - 09h46

BIOMASSA PODERÁ RESPONDER POR ATÉ 25% DA ENERGIA NO MUNDO

EDUARDO GERAQUE
da Folha de S.Paulo

O Brasil precisa se esforçar para não perder a primazia adquirida no campo da bioenergia --mas, ao mesmo tempo, não pode desprezar opções como as hidrelétricas, a grande aposta do governo hoje.

A opinião é de José Goldemberg, ex-secretário de Estado de Meio Ambiente de São Paulo e um dos maiores especialistas em energia do país.

Ele assina um artigo na edição especial sobre o tema na revista "Science" da última sexta-feira, e defende que outras fontes de energia renovável, como a eólica, não são boas opções para o país. O mesmo vale para a energia nuclear, outra aposta do governo, da qual Goldemberg é opositor histórico.

"Temos outras fontes melhores. Mesmo em termos mundiais, isso pode gerar alguns efeitos indiretos perigosos. Apoiar a energia nuclear pode ajudar países como o Irã ou a Coreia do Norte a desenvolverem suas armas nucleares", disse Goldemberg à Folha.

No caso da energia eólica, diz, "a região boa para isso está apenas lá no Nordeste. Ao contrário da Dinamarca, que já tem 20% de sua energia gerada a partir dos ventos".

Para o ex-secretário, professor aposentado da USP, o Brasil tem uma liderança muito grande no campo do etanol e não pode perdê-la.

"A biomassa, no futuro, poderá responder por 20% ou 25% da matriz energética mundial, ao contrário dos 13% de hoje. E dentro disso, o etanol brasileiro, feito de cana-de-açúcar, é muito melhor em termos de balanço energético [relação entre a energia usada para produzir a energia e a que é realmente disponibilizada no fim do processo] que o de milho, usado nos Estados Unidos", afirma.

03/02/2007 - 18h44

GREENPEACE ALERTA PARA LIXO ELETRÔNICO PROVOCADO PELO WINDOWS VISTA

da Efe, em Manila

O grupo ambientalista Greenpeace alertou neste sábado para a possibilidade de que o lançamento do novo sistema operacional da Microsoft, o Vista, cause uma "inundação" de lixo eletrônico ("e-lixo") nos países em desenvolvimento.

Segundo o Greenpeace, muitas empresas e famílias "sentirão a necessidade de atualizar seus computadores muito antes do que previam, e o mundo não estará, infelizmente, preparado para o e-lixo em massa provocado pelos upgrades".

Divulgação

Navegar de uma pasta para outra é um lazer à parte no novo Windows Vista, da Microsoft



O comunicado divulgado em Manila prevê o acúmulo de grandes quantidades de computadores defasados em "áreas sujas de reciclagem" nas Filipinas, Tailândia e outras nações da Ásia, onde fica a maioria dos depósitos de e-lixo do mundo.

"As políticas ambientais atuais das companhias de informática não são suficientes para as crescentes montanhas de lixo eletrônico tóxico, derivadas de componentes de computadores", diz a nota.

O Greenpeace acrescenta que a Microsoft deveria ter levado em conta essas conseqüências e preparado medidas para reduzir o problema da obsolescência. "A inovação não deveria se traduzir num aumento da poluição", opina.

Segundo um estudo da SoftChoice Corporation citado pelo Greenpeace, 50% dos computadores pessoais nos países em desenvolvimento não são capazes de usar o Vista. O número aumenta para 94% no caso da versão Premium do sistema.

03/02/2007 - 17h04

EMISSÃO DE GÁS CARBÔNICO PRECISA CAIR PELA METADE

RAFAEL GARCIA
da Folha de S.Paulo

Deter o aquecimento global vai ser difícil, os resultados vão demorar a aparecer e vai ser preciso negociar muito para que o potencial de redução na emissão de gases-estufa nos países em desenvolvimento possa ser aproveitado. Segundo o IPCC, o maior volume das oportunidades mais fáceis para tentar frear a mudança climática está nas nações pobres.

Os números divulgados ontem indicam que para evitar o pior cenário possível em 2100 --um aumento maior que 4,5°C na temperatura média global--, a humanidade teria de cortar pela metade a emissão de gás carbônico prevista para esse século. Um desafio e tanto.

"Se quisermos limitar o aquecimento a 2°C, podemos jogar "apenas" 750 bilhões de toneladas de CO₂ na atmosfera neste século", disse à Folha Meinrat Andreae, climatologista do Instituto Max Planck de Química, da Alemanha. Se não fizermos nada, emitiremos no fim do século até 1,4 trilhão de toneladas.

Impossível? "Não há um momento a partir do qual a coisa se torna impossível, mas ela fica mais difícil à medida que o tempo passa", diz Andreae.

Para ter uma idéia do tamanho do problema que é evitar a emissão de 650 bilhões de toneladas de CO₂, basta saber que o Protocolo de Kyoto --tratado assinado em 1997 para cortes de emissão-- previa conter só 5 bilhões em emissões até 2012.

Para traçar um panorama maior de mitigação (medidas para reduzir o gás carbônico na atmosfera), o chamado Grupo de Trabalho 3 do IPCC prepara um relatório para maio. Uma versão preliminar do trabalho obtida pela Folha mostra que os cientistas já estimam como

evitar a emissão de até 40 bilhões de toneladas de CO2 até 2030 (veja quadro acima).

O trabalho do Grupo 3 está deixando três idéias claras.

A primeira delas é que não vai adiantar tentar concentrar mudanças apenas na política de geração de energia. A indústria e a agricultura têm uma grande contribuição a dar. "E o relatório está mostrando que o potencial na parte de edificações [residências e comércio] é absurdamente grande", diz Roberto Schaeffer, economista da UFRJ que integra o grupo.

A segunda é uma das poucas boas notícias relativas à mitigação e se refere aos custos para cortar emissões.

Uma boa parte do trabalho pode se feita por meio de investimentos que retornam, resultando em custo zero ao final. "Em geral são melhorias em eficiência energética", diz Schaeffer. Para simplificar, basta pensar que economizar energia significa economizar dinheiro também. "Existem inclusive medidas que têm custo negativo [ou seja, dão lucro]."

O terceiro e mais complicado aspecto apontado pelo relatório provisório, porém, é uma constatação que já estava esboçada pelo Protocolo de Kyoto: as melhores oportunidades para cortar emissões estão nos países em desenvolvimento.

"A razão desse potencial, de maneira geral, é que a infra-estrutura desses países ainda não foi totalmente construída", diz Schaeffer. "Quem ainda está por fazer usinas e indústrias ainda tem a opção de escolher tecnologias mais limpas", explica. "Para quem já tem tudo instalado, fica mais difícil."

Diante desse cenário, os países industrializados poderiam tentar empurrar a responsabilidade para os pobres, exceto por uma razão. "A responsabilidade histórica dos países desenvolvidos é muito maior do que a nossa, e hoje eles emitem muito mais", diz Suzana Kahn Ribeiro, também da UFRJ e do Grupo 3 do IPCC.

Kyoto desobrigou os pobres de reduzir emissões, mas a pressão para que isso ocorra no futuro é cada vez maior.

Há uma corrente de acadêmicos que é contra isso. "Impor metas do tipo 'Kyoto' a um país como o Brasil não funcionaria, porque o governo não tem tanto controle sobre o desmatamento da Amazônia, que é a nossa maior fonte de emissão", diz o físico Luiz Gylvan Meira Filho, da USP.

Como, então, criar um incentivo para que nações pobres aproveitem seu potencial? Meira Filho foi um dos artífices chamado Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), ferramenta do acordo de Kyoto que gerou um mercado no qual países ricos podem bancar medidas de mitigação para os pobres em troca de abatimento nas suas cotas de redução.

"Com todo esse potencial nos países em desenvolvimento, com as opções mais baratas aqui, nossos projetos de mitigação são muito mais atraentes", diz Khan Ribeiro. "O problema é que se todos esses projetos forem feitos gerando créditos para países desenvolvidos, eles bancarão apenas a parte mais fácil da solução."

Se os países em desenvolvimento tiverem de assumir metas, a parte mais fácil do trabalho já vai ter entrado na conta das nações ricas, raciocina Ribeiro. "Aí só nos restariam as opções mais caras". O problema seria contornável se a mitigação nos países pobres fosse bancada por fundos internacionais. Desatar esse nó demandará muita discussão na formulação de um acordo pós-Kyoto (o protocolo expira em 2012).

11/01/2007 - 11h15

I NVERNO MUITO QUENTE PODERÁ TER CONSEQÜÊNCIAS DESASTROSAS

da Deutsche Welle, na Alemanha

As temperaturas do inverno do hemisfério Norte deste ano estão batendo recordes. Segundo estudo da CE (Comissão Européia), este inverno primaveril poderá ter conseqüências desastrosas para a fauna e a flora do continente.

Em sua edição desta quinta-feira (11/01), o jornal "Kölner Stadt-Anzeiger" anuncia a temperatura recorde de 16,4°C no Estado da Renânia do Norte-Vestfália, medidos na cidade de Bonn nesta terça-feira. Com temperaturas "dez graus acima do normal", este entreato primaveril ainda não tem previsão para acabar, afirma o diário.

As temperaturas estão altas também nos países vizinhos. Na terça-feira, os termômetros indicaram, na cidade francesa de Nimes, no sul da França, 21,1°C na sombra. A temperatura mais alta dos últimos 50 anos, segundo o jornal.

08/01/2007 - 11h42

AQUECIMENTO DO PLANETA IRÁ PREJUDICAR SUL DA EUROPA DIZ ESTUDO

da Ansa, em Roma

As mudanças climáticas podem beneficiar o norte da Europa e transformar o mar do Norte em uma "nova Riviera" --em detrimento dos países mediterrâneos, que enfrentarão temperaturas mais elevadas e falta d'água e a diminuição da atividade turística.

Assim revelou o estudo mais completo feito até hoje sobre as conseqüências de mudanças climáticas na Europa, cujo conteúdo foi adiantado ao jornal "Financial Times".

O estudo feito pela Comissão Ambiental da UE (União Européia), com dados recolhidos por satélites europeus, prevê que o efeito estufa e o aquecimento do planeta irão beneficiar o norte da Europa.

Em 2071, segundo o relatório, os países mediterrâneos enfrentarão uma média maior de temperaturas e um crescimento para 87 mil mortes anuais pelo calor excessivo. Cerca de 100 milhões de pessoas passam suas férias no sul da Europa, uma atividade que gera cerca de US\$ 130 bilhões.

"Quanto mais turistas ficarem em casa ou alterarem seus destinos, maior será o impacto da destruição da riqueza na Europa", segundo o documento.

A evolução, se persistirem as atuais condições de incidência no clima, provocará queda no turismo e prejuízo, conseqüentemente, sobre a economia desses países --entre os quais Espanha, Grécia e Itália.

05/01/2007 - 17h11

GELEIRAS DO TIBET SE DISSOLVEM A 131,4 KM² POR ANO

da Ansa, em Pequim

As geleiras do Tibet estão se dissolvendo em um ritmo de 131,4 km² por ano, advertiu o último relatório do China Geological Survey Bureau, citado hoje pela agência Nova China.

Se não houver uma intervenção contra o aquecimento do planeta, advertiram os especialistas, outros 13 mil quilômetros quadrados de gelo poderiam se dissolver até 2050, o que vai alterar o equilíbrio hídrico da região.

Do planalto do Qinghai-Tibet, com uma área de 88,71 km² e uma altura de aproximadamente 4.000 m, descem grandes rios asiáticos, em cujas margens vivem milhões de pessoas.

A redução de água pode ter graves consequências ambientais e econômicas e, por isso, os estudiosos confiam que o relatório vai impulsionar o governo chinês a adotar medidas especiais de proteção da área.